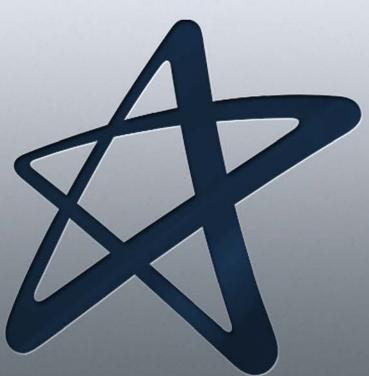


Diversidade Étnico-Cultural





Material teórico



Responsável pelo Conteúdo:

Prof. Rodrigo Medina Zagni

UNIDADE Teorias da Cultura



Nessa unidade, vamos tratar do tema "teorias da cultura".

Uma série de estudiosos das ciências humanas trataram da natureza da cultura, ocorre que, como objeto de estudo e com o rigor metodológico devido, foi a Antropologia Cultural a ciência responsável pela mais densa construção teórica em torno de fenômenos culturais, primordialmente em relação às diferenças culturais que se manifestam em distintos povos ou em distintas épocas.



Nesta unidade, nos debruçaremos sobre as principais teorias que permitem compreender a dimensão cultural da vida humana.



Atenção

Para um bom aproveitamento do curso, leia o material teórico atentamente antes de realizar as atividades. É importante também respeitar os prazos estabelecidos no cronograma.

Contextualização

O que explicam as diferenças culturais? Ou seja, por que indivíduos demonstram serem portadores de sistemas culturais sutil ou completamente distintos uns dos outros, dependendo do lugar ou do tempo de sua existência?

A hereditariedade explica? Legaríamos características culturais, valores, caráter e até mesmo inteligência aos nossos descendentes?

A origem geográfica é o determinante? Se tivéssemos nascido em outra região teríamos uma cultura completamente diversa da nossa? Ou a questão é a aprendizagem? Ou seja, todo o nosso repertório cultural nos foi sido ensinado por nossos familiares, pelas instituições religiosas, pela educação formal, pela própria sociedade na qual vivemos?

Para complicar ainda mais a questão, imagine a seguinte situação: Um casal de franceses tem dois filhos gêmeos idênticos, ocorre que o parto acontece na Guatemala. Semanas depois, os irmãos são separados dos pais. Um deles é criado por uma tribo na Namíbia, o outro é criado em Tókio.

Os irmãos gêmeos terão idênticos sistemas culturais, obedecendo à hereditariedade? Ou seja, terão uma cultura primordialmente francesa (ou, em linhas gerais, europeia)?

Por terem nascido na Guatemala, mesmo que tenham sido transportados para localidades distintas, terão a mesma cultura por conta de uma origem geográfica comum?

Ou teriam culturas completamente distintas? Um deles completamente inserido numa cultura tribal africana; outro na complexa sociedade urbana e cosmopolita de Tókio?

Nesta unidade vamos conhecer as teorias que de diferentes pontos de vista tentaram responder a questões dessa ordem, na Antropologia, ciência social cujo objeto primordial é o Homem tomado em sua dimensão cultural.

Em busca das respostas às perguntas aqui elaboradas, embrenhe-se pelo conteúdo teórico, apresentação narrada e demais materiais dessa unidade, a fim de entendermos mais sobre a dimensão cultural da condição humana.

Material Teórico



As Teorias Antropológicas da Cultura

As teorias antropológicas servem de ferramentas para a aplicação do estudo em Antropologia, ciência social cujo objetivo é o estudo do Homem e de suas obras. Nesse contexto, as teorias antropológicas servem diretamente à compreensão das diversas formas de manifestação cultural em distintas organizações sociais humanas.

Os diferentes tipos de organização social, desde os considerados primitivos até os mais complexos, estão intimamente relacionados às características culturais ali predominantes, para as quais as terias da cultura servem de instrumento compreensivo.

A partir da segunda metade do século XIX, período de consolidação de importantes conquistas anteriores como o advento do Renascimento Cultural na Europa (séc. XVI e XVII), das grandes navegações (séc. XVI), da conquista do Novo Mundo (séc. XVI), o desenvolvimento do método científico (do séc. XVI ao XVIII), as luzes da razão iluminista (séc. XVIII) e a consolidação do cientificismo e da corrente de pensamento positivista (séc. XIX), o espírito humano passou de uma fase subjetiva de conhecimento, na qual as fundamentações se davam em termos abstratos, hipotéticos e especulativos para um conhecimento mais objetivo, visando à constituição de saberes científicos calcados na experimentação empírica, na identificação de leis explicativas para seus determinantes causais e de sua generalização (transformação das leis científicas em leis gerais que explicam a totalidade das possibilidades de ocorrência do fenômeno estudado).



16th-Century Map of Africa by Giorgio Sideri IMAGEM: © The Art Archive/Corbis DATA DE CRIAÇÃO 1554 FOTÓGRAFO

Alfredo Dagli Orti

COLEÇÃO The Picture Desk Limited

Esta mudança de postura, da qual provêm praticamente todas as teorias da cultura, foi responsável pelo novo *status* de ciência conferido à Antropologia, cujo objeto passou a ser tratado como algo observável, mensurável, passível de ser decodificado estatisticamente, quantificado, teorizado, experimentado e comprovado, tratando-se o produto deste sistema de "conhecimento científico".

Tiveram fundamental importância dentre as teorias culturais, para que a Antropologia fosse reconhecida como ciência, primeiramente o "Evolucionismo", que tratava seu objeto de forma mais ampla, abraçando o estudo de civilizações inteiras enquanto outras teorias focavam organizações sociais quantitativamente menores, lidando com a cultura por meio de aspectos entendidos como evolutivos.

Igual importância teve o "Difusionismo", que buscava a explicação do desenvolvimento cultural a partir do processo de difusão de elementos culturais de um sistema para outro.



Chromolithograph of Human Races of the World by G. Mutzel IMAGEM: © PoodlesRock/Corbis COLEÇÃO Corbis Art

Já o "Funcionalismo", que inovou o campo de interpretação antropológica, focava não mais as origens históricas do estudo da cultura; mas sim seu contexto em dado momento, com a lógica do sistema focalizado.

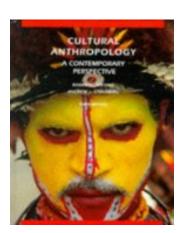
Por fim, o "Estruturalismo", a mais recente escola em orientação teórica em Antropologia, adotou posições próprias de natureza predominantemente subjetivas.

São as ferramentas utilizadas pelos antropólogos estudiosos do "Homem e suas obras", de seu produto direto: a cultura humana; nobilíssimo trabalho ao qual se agregam conhecimentos de outras tantas ciências afins, com a mesma finalidade: reconstituir o passado cultural humano, entender a condição presente e projetar reflexões a respeito dos horizontes do Homem.

Sistemas Adaptativos e Teorias Idealistas

Como vimos na unidade dedicada à natureza da cultura, o conceito de cultura é extremamente amplo e elástico, motivo pelo qual a própria Antropologia falha em conceituar, unanimemente, a cultura. Contudo, como vimos naquela unidade, tratam-se primordialmente dos resultados da ação humana, materiais ou imateriais.

O antropólogo e linguista Roger Martin Keesing (1935-1993), professor da McGill University em Mont, no artigo mais célebre e influente de sua carreira, "Theories of Culture", de 1974, identificou duas correntes teóricas distintas dentre as possibilidades de definição da cultura: aquelas que consideram a cultura como sistemas adaptativos e as teorias idealistas da cultura.



140 x 176 - 9k - jpg - images.amazon.com/images /P/0030475821.01._SX1... Veja abaixo a imagem em: www.librarything.com/wo rk/463089

Como um sistema adaptativo, as culturas funcionariam como instrumentos de padronização de comportamentos que permitiriam, uma vez transmitidos socialmente, adaptar o homem a um determinado modo de vida, o que envolveria os mais variados âmbitos da vida social, desde o econômico, até o político-ideológico, o mágico-religioso etc.

As teorias idealistas, por sua vez, se subdividiriam em três categorias segundo o que consideram como cultura:

• como sistema cognitivo a cultura seria equivalente a um sistema de conhecimento cuja função seria adaptar o indivíduo ao convívio de determinada sociedade;

- como sistemas estruturais, a cultura seria equivalente a um sistema simbólico criado pela mente humana para atribuir sentidos e significados às ações humanas e seus resultados.
- como sistemas simbólicos, a cultura também como sistema de símbolos compreenderia a dimensão normativa das relações sociais, moldando comportamentos.

Evolucionismo Cultural

Com o incremento das navegações no séc. XVIII, resultado do avanço do comércio ultramarino, o transporte de produtos agrícolas e riquezas minerais entre territórios coloniais na América, África e Ásia e a Europa, a civilização europeia pôde ter maior contato com povos que até então desconhecia; pôde saber de práticas religiosas, hábitos cotidianos e comportamentos sociais completamente diversos dos seus.

O contato com o diverso possibilitou ao europeu pensar o Homem em termos evolutivos, ou seja, comparar o Homem europeu com os novos povos que iam sendo dominados permitiu interpretá-los como se estivessem em distintos estágios de um mesmo processo: a evolução.

De forma etnocentrista e eurocêntrica, essas diferenças culturais moveram explicações de caráter monogenista e poligenista.

A interpretação monogeísta pressupunha um caminho linear e finalista para o processo evolutivo, partindo sempre de um estágio menos evoluído - o estágio primitivo - para o mais



The perils of Atlantic Navigation -The steamship "Columbia's encounter with an enormous iceberg off the Newfoundland Banks. From a sketch by an Off IMAGEM: © **CORBIS COLEÇÃO** Bettmann



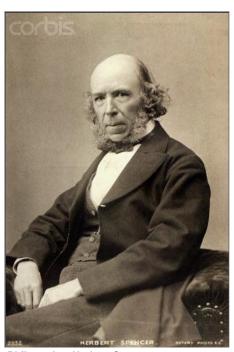
Jean-Jacques Rousseau, French Philosopher IMAGEM: © Leonard de Selva/CORBIS DATA DA FOTOGRAFIA ca. 1980-1996 FOTÓGRAFO Leonard de Selva COLEÇÃO Corbis Art evoluído - a civilização. Essa interpretação encontrava respaldo nas teses do filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e sua defesa da perfectibilidade humana, como um estágio possível de ser alcançado na esperança que depositava no Homem natural, essencialmente bom.

As diferenças culturais constituiriam, portanto, indicadores de que se encontrariam em etapas distintas do mesmo processo evolutivo e nisso consistiu o referencial teórico dos primeiros etnólogos que estudavam os homens do passado então como "homens primitivos".

Já a poligenia, que não descartava a concepção da evolução, defendia que as diferenças provinham essencialmente da existência de diferentes centros de criação, onde os Homens teriam tido, portanto, distintas origens, o que explicaria não só diferenças físicas, mas também prometia explicar as diferenças morais entre os homens.

Em suas convicções reside ainda a defesa de que mesmo pertencentes a uma mesma origem, as diferenças que se desenvolveriam no processo evolutivo levariam à degeneração da espécie no caso de indivíduos pertencentes a distintas etapas evolutivas se entrecruzassem.

Sob vários aspectos, o impacto da publicação da obra de Charles Darwin (1809-1882), A origem das espécies, em 1859, fez com que a perspectiva evolucionista penetrasse várias áreas de conhecimento, para além da Biologia. Sua repercussão nas nascentes Ciências Humanas desdobrou-se no fenômeno do darwinismo social.



Philosopher Herbert Spencer IMAGEM: © Michael Nicholson/CORBIS DATA DA FOTOGRAFIA ca. 1885

A dominação colonial ganhava uma justificativa biológica: tratava-se do avanço civilizador do Homem branco sobre a barbárie, que deveria ser civilizada. As sociedades também poderiam ser escalonadas segundo diferentes graus evolutivos que demonstrassem em termos econômicos, tecnológicos, políticos e culturais.

Foi o filósofo inglês Herbert Spencer (1820-1903), profundo admirador da obra de Charles Darwin e criador da expressão "sobrevivência do mais apto", quem criou o "darwinismo social", em sua busca por aplicar as leis da evolução a todos os níveis da atividade humana.

Nesse esforço, a partir do darwinismo social Spencer erigiu uma teoria sobre as raças; estendendo critérios de comparação e diferenciação, utilizados para o estudo de animais, para compreender as diferenças entre os homens. Estabelecendo que, tal qual os animais, os homens se subdividiriam em raças e que aplicando as teses darwinistas elas poderiam ser qualificadas como mais ou menos aptas ou, ainda, primitivas ou civilizadas, estaria anulado o poder de livre arbítrio do Homem, uma vez que suas escolhas estariam determinadas pelas características étnico-culturais que teriam herdado de seus antepassados.

Utilizando esses critérios, o cruzamento inter-racial, a miscigenação, levaria à degeneração das espécies, enquanto sua perpetuação seria garantida pela valorização das raças "puras", ou seja, intocadas pela miscigenação.

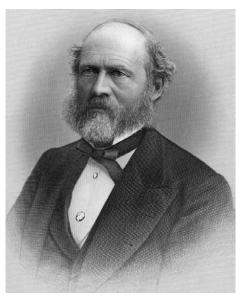
A dominação de um grupo sobre outro ganhava não só uma explicação sistêmica, pseudo-científica; mas, fundamentalmente, ganhava uma legitimação, pois em nome da defesa da civilização seria preciso dominar e/ou civilizar a barbárie.

A Antropologia se desenvolve, em seu período embrionário, orientada exatamente por esses pressupostos teóricos: evolucionistas.

Sendo assim, a tarefa do antropólogo, nesse contexto, não consistiria apenas em determinar a antiguidade do Homem, utilizando as recentes descobertas da Química, senão identificar em que estágio estaria no processo evolutivo. A criação das etapas, dos estágios culturais segundo as características dos grupos estudados, também constituiu a tarefa

primordial desses primeiros antropólogos – a taxiologia. O próprio tempo cronológico dava lugar a uma outra percepção de tempo: o da evolução, que permitiria a criação de uma escala para a sua determinação.

Nesse esforço taxiológico, de identificar as etapas evolutivas de distintas sociedades, destaca-se o trabalho do antropólogo e etnólogo norte-americano Lewis Henry Morgan (1818-1881), considerado um dos fundadores da antropologia moderna, tendo sido um dos primeiros teóricos da cultura e da sociedade no pensamento antropológico.



579 x 782 - 76k - jpg dic.academic.ru/.../108/lewis_henry_morgan. jpg Veja abaixo a imagem em: dic.academic.ru/dic.nsf/ruwiki/1045351

Na obra Ancient Society (1877), Morgan defendeu a existência de três estágios evolutivos para as sociedades humanas, que permitiriam agrupá-las e estudá-las de acordo com critérios rigorosos de análise e qualificação de seus caracteres: selvageria, barbárie e civilização.

Outra contribuição notável, no contexto do evolucionismo na Antropologia, foi dada pelo antropólogo inglês Edward Burnett Tylor (1832-1917), considerado o pai do conceito moderno de cultura. Condensou em sua obra principal, *Primitive Culture*, de 1871, ideias que possuem um longo histórico de fluência no Ocidente, remontando aos primórdios da filosofia iluminista e que já faziam a defesa do papel da educação na transmissão cultural: fenômeno caracterizado como endoculturação.

"Cultura é o todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade."

Edward Tylor, 1871

Ocorre que, na prática, os "selvagens", ou seja, o "homem primitivo", não era estudado in loco, ou seja, se contemporâneos ao estudioso, não eram estudados pelo antropólogo onde viviam; mas por meio de documentos escritos: relatos de cronistas viajantes, missionários religiosos, mercenários etc. Para povos do passado, o desafio era ainda maior, uma vez que apenas seus artefatos poderiam ser estudados e seu estágio evolutivo determinado comparativamente àqueles mais evoluídos.

Obviamente, a questão do "mais evoluído" ou da "civilização" tinha como modelo o Homem europeu. Portanto, trata-se de uma visão etnocentrista e eurocêntrica que comprometia a ideia de progresso, que perpassa ideologicamente esse arcabouço teórico, como o caminho que levaria a selvageria ao modelo de civilização europeu.

Difusionismo

O difusionismo se desenvolveu, na Antropologia, como uma violenta resposta aos pressupostos teóricos do evolucionismo.

Data do início do séc. XX a comunicação das posturas mais radicais dessa corrente. O primeiro teórico a engajar-se na resistência contra o evolucionismo foi o médico, psicólogo e antropólogo britânico William Halse Rivers Rivers (1864-1922), e cujos discípulos: William James Perry (1887–1949) e Grafton Elliot Smith (1871-1937), deram continuidade a sua obra.

Os difusionistas britânicos – Rivers, Perry e Smith – contrapunham-se às explicações evolucionistas para as diferenças e semelhanças culturais recorrendo a fenômenos ignorados por essa corrente, como correntes migratórias, deslocamentos populacionais e contatos interculturais.



254 x 313 - 30k - jpg - www.shigamed.ac.jp/~koyama/pain/Rivers.jpg Veja abaixo a imagem em: www.shigamed.ac.jp/~koyama/pain/people3.ht

Particularmente Elliot Smith, egiptólogo além de antropólogo, defendeu a tese de que a civilização egípcia seria portadora de indícios que revelariam ter sido a África o berço da origem da humanidade, e a partir dali teria se difundido.

O movimento de difusão teria se desencadeado naquele ponto - o Egito -, culminando na sua difusão por todo o mundo, em ondas de deslocamento que teriam passado a se diferenciar umas das outras.

Ainda que tenha sido desmontada, em termos teóricos, a tese de que a diversidade cultural seria resultado da difusão de características provenientes de um único centro, o difusionismo cumpriu um relevante papel ao oferecer, no início do século XX, uma alternativa explicativa para a questão da diversidade cultural, tendo sido a primeira a se defrontar com o vigente evolucionismo.



American Museum of Natural History IMAGEM: © Tom Grill/Corbis NOME DO CRIADOR J. Cleveland Cady & Co. DATA DE CRIAÇÃO 1872-1877 LOCAL New York, New York, USA COLEÇÃO Flame

O conceito de áreas culturais, unidades geográficas identificadas como pólos difusores de elementos culturais, é produto da influência que a escola britânica exerceu sobre o pensamento antropológico nos Estados Unidos.

Essa tese foi desenvolvida a partir de características próprias aos estudos etnográficos norte-americanos, em especial, da necessidade de o Museu Americano de História Natural e do Museu de Chicago de elaborar taxiologias, ou seja, formas de organizar os artefatos coletados de grupos tribais distintos no território estadunidense. O critério utilizado foi o do estabelecimento de áreas culturais que representassem cartograficamente esses povos, cujos traços se dissolviam em suas particularidades e passavam a conectar-se com outras tribos, constituindo áreas culturais.

O conceito de "círculos culturais", utilizado por antropólogos europeus, também provém das teses difusionistas, e se refere a complexos culturais dispersos e que teriam se deslocado de suas unidades geográficas originais.



Anthropologist Franz Boaz
Título original: Portrait of Franz Boas
(1858-1942), American
anthropologist, Photograph 1906.
IMAGEM: © Bettmann/CORBIS
DATA DA FOTOGRAFIA 1906
COLEÇÃO Bettmann

O antropólogo teuto-americano Franz Boas (1858-1942), defensor da corrente denominada Histórica, pode-se dizer esteve entre o difusionismo e o funcionalismo (que veremos a seguir).

Seu trabalho pioneiro, junto de seus discípulos, consiste no mais importante ponto de inflexão nos estudos antropológicos, no que tange ao declínio da Antropologia Rácica Evolucionista, uma vez que sua proposta relativista desmontava a ideia de proximidade entre evolução biológica e cultural.

Seu pioneirismo consiste na construção teórica que assentou métodos radicalmente distintos daqueles engendrados nos modos de conceber e estudar as culturas humanas, propondo relativizá-las, ao invés de escaloná-las hierarquicamente.

Não que estudos comparativos não pudessem ser feitos entre distintas culturas, ou mesmo que não se pudesse identificar uma origem comum para ambas. O que Boas propunha era um processo indutivo que identificasse as relações que possibilitariam a comparação, para o então estabelecimento das conexões históricas pertinentes.

Para Boas, o mesmo fenômeno tem sentidos variados em cada cultura. Sendo assim, o fato de ocorrências semelhantes serem identificadas em distintas culturas não constitui prova de uma origem comum.

Consequentemente, não havendo uma única origem cultural, não se pode falar em cultura, senão em culturas. Ou seja, cada cultura teria sua própria história; não uma cultura humana universal e originária (como pressupunham os evolucionistas e até mesmo parte dos difusionistas). Sendo então autônomas, todas as culturas seriam também dinâmicas em suas transformações ao longo do tempo.

Nesse contexto, suas críticas pesavam mais gravemente sobre os determinismos biológicos e geográficos, bem como no transporte de categorias explicativas evolucionistas para o tratamento das relações culturais, o que havia levado ao fenômeno do evolucionismo cultural.

Contrário a essa explicação evolucionista para a diferenciação das culturas, Boas demonstrou que cada sistema cultural constituiria uma unidade integrada, resultado de um desenvolvimento histórico específico.

Com isso, determinou a independência dos fenômenos culturais em relação aos condicionantes geográficos e biológicos, vigentes como explicação desde o período formativo da Antropologia. As dinâmicas culturais estariam desatreladas desses elementos; obedecendo apenas à lógica da interação entre os indivíduos, o meio e a sociedade.

A concepção evolucionista aplicada à cultura, responsável pelo assentamento de uma visão etapista linear, na forma de estágios evolutivos e obrigatórios pelos quais, obrigatoriamente, todas as sociedades passariam, assistia ao surgimento de sua mais severa e consistente crítica.

Esta nova postura teórica deslocou completamente os sentidos gerais da Antropologia, desde seus objetos, objetivos até o ofício do antropólogo, que passava a ser o estudo de sistemas culturais particulares, não da identificação de uma cultura universal.



View of 5 of 7 Inca-era mummies in cave located above village of Coquesa (between Jirira and Chatani) estimated to be between 1,100 and 1,400 AD. Largest grouping of mummies was of mother and three young children. IMAGEM:

© George Steinmetz/Corbis DATA DA FOTOGRAFIA 11 de abril de 2007 LOCAL Chatani, Potosi, Bolivia

FOTÓGRAFO
George Steinmetz
COLEÇÃO

Funcionalismo

Uma das mudanças mais significativas para a determinação do fracasso explicativo do evolucionismo foi o abandono dos relatos de cronistas viajantes e congêneres como base informativa para estudos antropológicos e a adoção de métodos de pesquisa de campo.

A excessiva utilização de valores europeus na análise valorativa de povos nãoeuropeus, para demarcar sua posição numa espécie de "corrida" linear e etapista rumo à civilização, tendo como força motriz o progresso, também marcou o abandono do evolucionismo como ferramenta explicativa de diferenças não só biológicas ou culturais; mas também psicológicas e intelectuais.

Nesse contexto, o evolucionismo de Spencer passou a dar lugar gradativamente ao determinismo de uma corrente teórica ascendente: o funcionalismo na Antropologia, cujo precursor foi o antropólogo polaco Bronisław Kasper Malinowski (1884-1942), considerado um dos fundadores da Antropologia Social.

Apesar de tomar o avanço colonizador como dado, bem como de justificar a necessidade de estudo dos "povos primitivos" pelo avanço do imperialismo europeu, o funcionalismo de Malinowski, ainda que comparando as



Bronislaw MalinowskiBronislaw Malinowski (1884-1942) the Polishborn British anthropologist who studied folklore and customs.

IMAGEM:
© Hulton-Deutsch Collection/CORBIS
DATA DA FOTOGRAFIA; ca. 1935
COLEÇÃO; Historical

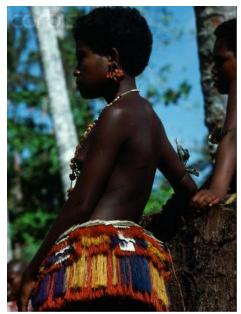
sociedades estudadas com aquela a qual pertencia o estudioso, abandonava a mecanicidade da escala evolutiva, focalizando as culturas diversas em situação, ou seja, a partir de sua própria contextualização.

O próprio etnocentrismo e o eurocentrismo passaram a dar lugar, na Antropologia, a uma outra atitude. Malinowski sistematizou o método que passou a tomar a cultura do "homem primitivo" não a partir do olhar valorativo europeu, ou seja, do antropólogo; o desafio consistiria em determinar o ponto de visto do "homem primitivo", para então empreender a análise de sua cultura.

Sua proposta metodológica consistia ainda na compreensão do todo complexo de uma sociedade, incluindo sua constituição cultural, identificando suas partes componentes significativas. As partes seriam estudadas isoladamente, parte por parte, para em seguida serem articuladas, construindo-se, a partir daí, a compreensão sobro o todo.

O todo seriam as instituições, o objeto da análise; as partes, designou-as como isolats, as unidades primordiais de estudo. Trata-se, em essência, de dividir o complexo em unidades simples, estudá-las e articulá-las de forma a comporem a estrutura complexa, que passaria então a ser compreendida como o produto das compreensões construídas sobre a totalidade das unidades simples. Articuladas, a compreensão do mais simples possibilitaria a do mais complexo. A articulação entre os isolats, que compõem a instituição, determinou como estatuto. Com isso, teríamos as três dimensões constitutivas das sociedades passíveis de serem estudadas em termos antropológicos.

Seguindo o exemplo do que fez com as sociedades, dividiu também a existência social, esta a partir da identificação da natureza das necessidades humanas. Para Malinowski haveria dois tipos primordiais de necessidades:



Trobriand Island Woman
A young woman wears a skirt of colored fiber in the Trobriand Islands, Papua New Guinea. Margaret Mead and Bronislaw Malinowski wrote of this as a kind of sexual freedom.

IMAGEM: © Charles & Josette Lenars/CORBIS

DATA DA FOTOGRAFIA ca. October 1979 LOCAL Trobriand Islands, Papua New Guinea

FOTÓGRAFO Charles Lenars COLEÇÃO Documentary

- primárias, que seriam as necessidades biológicas;
- secundárias, as necessidades culturais.

Ocorre que as necessidades primárias é que determinariam as secundárias, ou seja, a cultura estaria ligada à satisfação das necessidades biológicas, até que se desenvolveriam dinâmicas tão complexas que passariam a constituir, por si só, necessidades. Por exemplo, utilizando Malinowski para compreender nosso próprio modelo de sociedade, pode-se dizer que se vestir adequadamente para uma entrevista de emprego seja uma necessidade cultural determinada pela necessidade biológica de se alimentar, uma vez que o alimento é adquirido, nas sociedades de consumo de massa, por meio do consumo, possível com o dinheiro ganho por meio do trabalho. Ocorre que "vestir-se bem" constitui uma necessidade cultural por si só, na medida em que se torna um valor estético partilhado no contexto dessa sociedade.

Para empreender esses estudos, o antropólogo necessitaria de um rigoroso procedimento metodológico. Dada a complexidade dos objetos da antropologia, a importação pura e simples dos métodos das ciências da natureza e das ciências formais não resolveria, seria necessário criar novos métodos para as nascentes Ciências Humanas.

O método proposto por Malinowski consiste em três etapas/tarefas:

- 1) observar todos os costumes dos nativos;
- 2) apreender suas narrativas orais;
- 3) utilizar métodos estatísticos.

A observação do comportamento social dos povos estudados possibilitaria ao antropólogo identificar as referências dos nativos, exatamente o que permitiria ao antropólogo estudar uma cultura com o uso de suas próprias referências, não as do antropólogo. Essas referências captadas receberam o nome de "imponderáveis da vida real", o cerne de toda a pesquisa.



Isso possibilitaria abandonar as pré-concepções que caracterizavam as abordagens evolucionistas e as atitudes que possibilitavam valorar negativamente os nativos comparando-os com os europeus. As comparações seguiriam sendo possíveis; mas a extensão dos valores europeus aos valores nativos não seria mais viável. O afastamento das ideias preconcebidas, os preconceitos, possibilitaria à Antropologia galgar, por meio de maior rigor metodológico, maior grau empírico.

O cientista social britânico Alfred Reginald Radcliffe-Brown (1881-1955), tido como um dos maiores expoentes da Antropologia por ter desenvolvido a teoria do funcionalismo estrutural, imbuído da defesa de Malinowski à pesquisa de campo, propunha combiná-la também com o trabalho de gabinete.

Isso possibilitaria abrir novos horizontes à ciência antropológica, uma vez que o risco era o de a Antropologia, estudando culturas isoladamente, tornar-se exaustivamente descritiva. Os novos horizontes constituiriam as possibilidades de se estudar comparativamente as culturas descritas.

A tarefa seria articular os métodos histórico e comparativo, nos estudos antropológicos. Apesar de reconhecer que o método histórico seria mais voltado aos estudos etnológicos e o método comparativo mais caro à Antropologia Social, Radcliffe-Brown defendia que seu uso conjunto deveria perpassar todos os estudos antropológicos.

O estudo comparado possibilitaria, por sua vez, a identificação de regularidades e a proposição de leis gerais para fenômenos recorrentes ou similares.



Vision Quest
Greg Red Elk performs a reenactment of the Sioux vision quest
of a medicine man.

IMAGEM: © Marilyn Angel Wynn/Nativestock Pictures/Corbis
LOCAL South Dakota, USA
FOTÓGRAFO Marilyn Angel Wynn
COLEÇÃO Terra

Dentre as possibilidades então de identificação de fenômenos gerais, uma lei geral identificada por Radcliffe-Brown consistiria da natureza e funcionamento das relações e estruturas sociais baseadas em "oposição". Enfatizando seus aspectos funcionais, fenômenos recorrentes como os de hostilidade inter-grupal, violência, estupro, entre outros, demonstrariam que por oposição as sociedades estariam divididas em metades exogâmicas, sendo assim, opostas.



Engraving by Theodor de Bry After A Weroans or Great Lord of Virginia by John White IMAGEM: © Bettmann/CORBIS NOME DO CRIADOR Theodor de Bry DATA DE CRIAÇÃO 1590 DATA DA FOTOGRAFIA 20 de dezembro de 1946 COLEÇÃO Bettmann

Sobre o uso do conceito de cultura, destoava de Malinowski por não utilizá-lo em sua análise, considerando-o demasiadamente abstrato, o que comprometeria o rigor empírico que almejava. Cultura deveria ser substituída, conceitualmente, por realidade empírica verificada nas estruturas sociais estudadas. O objeto da Antropologia Social não seria, portanto, a cultura; mas as realidades empíricas de estruturas sociais, onde seria possível determinar os papéis sociais desempenhados pelos indivíduos (substituindo-se também, nesse caso, o conceito, para ele abstrato, de comportamento). Uma vez identificados esses conjuntos de relações, para Radcliffe-Brown o antropólogo teria determinado a forma estrutural, ou seja, o padrão regular das relações que ocorrem na estrutura do grupo.

Os Problemas do Relativismo

Comparativamente ao evolucionismo, o funcionalismo permitiu a adoção de uma postura diversa daquela de superioridade entre o estudioso e a cultura estudada.

O desdobramento dessa postura consiste no relativismo, que por sua vez distancia o investigador dos questionamentos valorativos sobre os nativos, que passam a ser meros comunicadores de suas práticas culturais.

Normas e valores, para os relativistas, não devem ser objeto de nenhuma ordem de questionamento e a postura do antropólogo em campo, portanto é a de mero coletor e analista de informações.

O relativismo é radicalmente contrário à tendência universalista do evolucionismo; ou seja, contra seu ímpeto de estender um mesmo repertório cultural (o europeu, entendido como civilizado) à totalidade das sociedades, entendidas como inferiores (bárbaras).



00 x 368 - 46k - jpg nyc.indymedia.org/images/2007/09/91275.jpg Veja abaixo a imagem em: nyc.indymedia.org/es/2007/09/91198.html

Nada a universalizar, tudo a relativizar!

Ocorre que, sendo assim, ao tratar de costumes como o do apedrejamento de mulheres adúlteras no Irã; o estupro aceito e legalizado no âmbito do matrimônio no Afeganistão; a condenação de homossexuais à morte em Uganda; a prática da excisão (a mutilação do clitóris e dos pequenos lábios do órgão sexual feminino) em Djibuti, Etiópia, Somália, Sudão, Egito e Quênia; o racismo desvelado no sul dos Estados Unidos; o

machismo na sociedade brasileira; a pena de morte praticada em diversos países hoje no mundo; não poderiam ser criticados por cientistas humanos, isso porque valores como a liberdade, a igualdade, o direito à vida e à inviolabilidade do corpo não poderiam ser universalizados.

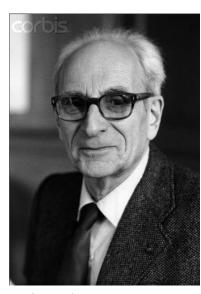
Ainda hoje essa postura consiste num problema: parte dos cientistas humanos defendem que se tratam, as práticas de violência acima descritas, como práticas culturais, e que qualquer tentativa de universalização de valores (incluindo a liberdade, a igualdade, o direito à vida e à inviolabilidade do corpo) seria um atentado contra a autonomia cultural. Outra parte significativa defende que alguns valores devam ser universalizados.

Ocorre que, da mesma forma, sociedades que historicamente foram compreendidas como civilizadas, também são portadoras de culturas violentas e que atentam contra direitos básicos. Vide o histórico de guerras religiosas, intolerância, torturas, execuções em fogueiras e enforcamentos que atravessa a história do cristianismo na Europa. Vide a violência com que negros são tratados pela Polícia nos Estados Unidos hoje. Para não nos demorarmos nas incontáveis possibilidades de exemplos que demonstram que culturas de ódio e intolerância são também fenômenos universais.

Uma importante pergunta a ser feita é: reconhecido o direito à autonomia cultural e a necessidade de se relativizar valores, não seria necessário universalizar a liberdade, a igualdade, o direito à vida e à inviolabilidade do corpo?

Estruturalismo

O antropólogo, professor e filósofo francês Claude Levi-Strauss (1908-2009) foi o fundador da chamada Antropologia Estrutural, corrente que se conformou a partir de seus estudos sobre os povos indígenas do Brasil. Durante o período em que aqui permaneceu, integrou a missão francesa que teve como objetivo estruturar as áreas de Ciências Humanas da recém-criada Universidade de São Paulo, no período que se estendeu de 1935 a



French Philosopher Claude Levi-Strauss IMAGEM: © Annemiek Veldman/Kipa/Corbis DATA DA FOTOGRAFIA 1980s LOCAL Paris, France FOTÓGRAFO Annemiek Veldman COLEÇÃO Sygma

1939. Durante esses quatro anos, estudando aspectos sobre a língua, costumes

e lendas de povos indígenas, coletou os dados que permitiram criar uma nova teoria antropológica, elaborada e apresentada entre o final da década de 1940 e início de 1950.



250 x 250 - 13k - jpg - img.socioambiental.org/d/211715-6/kaingang_6.jpg Veja abaixo a imagem em: pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang/286

Estudou os Kaingang, no Norte do Paraná (na região do rio Tibagi); os Kadiweu, na divisa com o Paraguai; e os Bororo, do Mato Grosso. Em 1938, pôs-se a estudar os índios Nambiqwara, do Mato Grosso; bem como os Tupi-Kaguahib, na região do rio Machado, que se pensavam desaparecidos.

Os pressupostos dessa nova corrente teórica foram publicados em duas de suas principais obras: "As Estruturas Elementares do Parentesco", de 1949; e "Tristes Trópicos", de 1955; que o notabilizaram mundialmente.

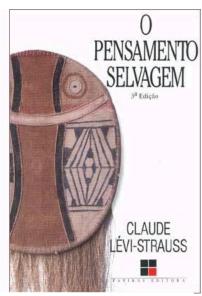
Lévi-Strauss fez uso da chamada teoria estruturalista francesa, a qual pressupunha que "estruturas universais" estariam por trás de todas as ações humanas, dando forma às culturas em suas mais variadas manifestações: linguagem, mitos, religiões etc.

O impacto de sua teoria foi responsável por uma "revolução intelectual", e que consistiu na aplicação do método estruturalista ao conjunto dos fatos humanos de natureza simbólica. Isso possibilitou ao antropólogo estudar o "pensamento selvagem", e não o "pensamento do selvagem". Não se trata de mero jogo de palavras ou de uma mudança insignificante, senão na subversão completa do enfoque das pesquisas antropológicas realizadas até ali. Ou seja, Lévi-Strauss deixou de fazer a distinção do funcionamento mental entre os povos primitivos e os povos europeus, para afirmar que o "pensamento selvagem" poderia ser encontrado em cada um de nós.

Distinguiu-se gravemente dos demais antropólogos que buscavam revelar as diferenças entre povos e culturas, nos mais das vezes valorativas; enquanto Lévi-Strauss buscava as estruturas universais, também chamadas de "estruturas profundas".

Sem se preocupar com as diferenças, os estudos de Lévi-Strauss colaboraram na relativização entre povos e culturas, estreitando seus laços pela via da aceitação do diverso exatamente porque, para ele, as diferenças entre os povos não constituíam o objeto central de interesse antropológico.

Para Lévi-Strauss, a maior parte dos antropólogos estava preocupada com o que nominou de "aparência". Obviamente, utilizou-se de um dos fundamentos do Estruturalismo para fazer esta afirmação, exatamente a oposição entre essência e aparência. Suas pesquisas estavam dirigidas aos sentidos profundos das ações humanas e de seus produtos, na busca pela essência, encontrando-se com a psicologia, a lógica e a filosofia das sociedades estudadas. A mera descrição das práticas rituais de uma determinada sociedade, a aparência, não lhe interessava.



300 x 400 - 59k - jpg - imagens.travessa.com.br/livro/GR/e a/eacbc9b0-...
Veja abaixo a imagem em: www.travessa.com.br/O_PENSAMENTO_SELVAGEM/art...

Essa nova e revolucionária abordagem encontrou contornos teóricos acabados na obra "O Pensamento Selvagem", de 1962.

Sobre o impacto que representou, para além da Antropologia, implicava em como tratar o, até então denominado, "homem primitivo". Seu método estruturalista permitia compreender que sociedades tribais revelavam sistemas lógicos notáveis, de qualidades mentais racionais tão sofisticadas quanto às de sociedades até então tidas como superiores.

Sua teoria desmontava as convicções comumente aceitas de que as sociedades primitivas seriam intelectualmente deficitárias e temperamentalmente irracionais, e que suas ações e obras, que constituiriam seus "pobres" repertórios culturais, tinham por finalidade a satisfação de necessidades imediatas, como as de alimento, vestimenta e abrigo.

Sob esses novos pressupostos teóricos, a visão pejorativa sobre as tribos primitivas estava fadada a desaparecer.

Material Complementar

Ainda sobre o tema "teorias da cultura", indico os textos abaixo, disponíveis na internet, a título de leitura complementar:

REIS, Nicoli Isabel dos; "Resenha de BOAS, Franz. *Antropologia cultural*. Org. Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 109 p."; portal Scielo, disponível no link: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832004000200015&script=sci_arttext.

"O nascimento da Antropologia Americana e o Difusionismo: Franz Boas como protagonista."; site Nações do Mundo, disponível no link: http://moaciralencarjunior.wordpress.com/2009/06/18/o-nascimento-da-antropologia-americana-e-o-difusionismo-"franz-boas-como-protagonista-"/

FONSECA, Dilaze Mirela; PACHECO, Marina Rute; "**Difusionismo e Evolucionismo"**; site ant1mcc, disponível no link: http://ant1mcc.blogspot.com/2009/04/difusionismo-e-evolucionismo.html.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz; "História e Etnologia. Lévi-Strauss e os embates em região de fronteira"; portal Scielo, disponível no link: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77011999000100011&script=sci arttext.

Indico ainda os filmes:

Queimada; dir.: Gillo Pontecorvo, Itália / França, drama, colorido, 1969.

Dança com lobos; dir.: Hector Babenco, EUA, drama, colorido, 1991.

Brincando nos campos do senhor; dir.: Kevin Costner, EUA, drama, colorido, 1990.

O Último dos Moicanos; dir.: Michael Mann, EUA, drama, colorido, 1992.

1900: Homo Sapiens; dir.: Peter Cohen, Suécia, drama, colorido, 1999.

O povo brasileiro; dir.: Isa Grinspum Ferraz, Nrasil, documentário, colorido, 2000.

Na internet, indico os conteúdos:

Links para textos sobre Teorias da Cultura no site "Recensio", de Portugal:

http://www.recensio.ubi.pt/modelos/listas/l tematica.php3?codtema=15

Referências

REIS, Nicoli Isabel dos; "Resenha de BOAS, Franz. Antropologia cultural. Org. Celso Castro.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 109 p."; portal Scielo, disponível no link:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832004000200015&script=sci_arttext.

FONSECA, Dilaze Mirela; PACHECO, Marina Rute; "Difusionismo e Evolucionismo"; site ant1mcc, disponível no link:

http://ant1mcc.blogspot.com/2009/04/difusionismo-e-evolucionismo.html.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz; "História e Etnologia. Lévi-Strauss e os embates em região de fronteira"; portal Scielo, disponível no link:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77011999000100011&script=sci_arttext.

Anotações



www.cruzeirodosulvirtual.com.br Campus Liberdade Rua Galvão Bueno, 868 CEP 01506-000 São Paulo SP Brasil Tel: (55 11) 3385-3000









